

Identificação de Comportamentos Violentos em Relações Afetivas por Jovens Brasileiros¹

*(Identification of Violent Behavior in Romantic Relationships
by Young Brazilians)*

Maria Gabriela Cardoso Lira², Daniely Ildegardes Brito Tatmatsu
e Liana Rosa Elias
Universidade Federal do Ceará
(Brasil)

Resumo

A violência no namoro é um fenômeno recorrente na juventude brasileira e ocorre no contexto de contingências sociais que naturalizam práticas de violência influenciadas por vieses de gênero. Entendendo que a discriminação desses padrões comportamentais é mediada por aprendizagens socio verbais, optou-se pela Teoria das Molduras Relacionais para a consecução dos objetivos desse trabalho, que foram: (1) investigar a discriminação de comportamentos violentos em relações amorosas entre adolescentes e (2) identificar variáveis contextuais que possam exercer influência sob tal processo. Aplicou-se um questionário composto por 18 vinhetas para uma amostra de 80 estudantes entre 14 e 18 anos. Cada vinheta variou o tipo de violência cometida, a idade dos personagens e a vítima e agressor(a). Verificou-se que comportamentos de violência psicológica são menos discriminados em relação a outros tipos de violência. Meninas reconheceram e identificaram corretamente comportamentos violentos com maior frequência do que meninos, com destaque para comportamentos de violência sexual e psicológica. Ademais, toda a amostra apresentou maior dificuldade em reconhecer comportamentos violentos emitidos por personagens femininas. Argumenta-se que a discriminação dos comportamentos referidos como violentos é um processo mediado por relações arbitrariamente aplicáveis ensinadas pela comunidade verbal, e que essas relações exercem influência na forma como indivíduos de diferentes gêneros se comportam.

Palavras-chave: violência, namoro, adolescentes, teoria das molduras relacionais, violência por parceiro íntimo

1 Maria Gabriela Cardoso Lira  <https://orcid.org/0000-0003-1169-2471>
Daniely Ildegardes Brito Tatmatsu  <https://orcid.org/0000-0003-2279-6997>
Liana Rosa Elias  <http://orcid.org/0000-0002-1176-0406>

2 Endereço para correspondência: Universidade Federal do Ceará,
Av. da Universidade, 2762, Fortaleza, Ceará. E-mail para contato: m.gabriela.lira@gmail.com

Abstract

Dating violence is a recurrent phenomenon among Brazilian youth and occurs in the context of social contingencies that adapt violent practices and behaviors, which are also influenced by gender biases. Understanding that the process of identifying these behavioral patterns is mediated by socio-verbal learning, the Relational Frame Theory was chosen to achieve the objectives of this work, which were (1) to investigate the discrimination of violent behavior in romantic relationships between adolescents and (2) to identify contextual variables that may influence this process. Thus, a questionnaire composed of 18 vignettes was applied to a sample of 80 students from Fortaleza, northeast Brazil, aged between 14 and 18 years old. Each vignette varied between the type of violence committed (moral, psychological, physical, or sexual), the age of the characters (13 or 17 years old), and the aggressor (male or female). The stories were based on typical cultural interactions, but with some violent behavior, except for two control vignettes. The findings showed that, in general, psychological violence behaviors are less discriminated against than other types of violence. Physical and sexual violence behaviors were more discriminated against. Girls recognized and correctly identified violent behaviors more frequently than boys, particularly sexual and psychological violence. Furthermore, the entire sample had greater difficulty recognizing violent behaviors emitted by female characters. The vignettes with the highest correct identification rate involved moral and sexual violence committed by male characters. The variable of character age had no significant impact on the discrimination of violence. A single significant difference was observed when comparing two vignettes of moral violence committed by a female character, aged 13 and 17. It is argued that the discrimination of behaviors considered violent is a process mediated by arbitrarily applicable relations taught by the verbal community and that these relations influence how individuals of different genders behave. It is therefore clear how much these relational learnings, arbitrarily organized by a verbal community belonging to a patriarchal culture, can be detrimental to the development of young people who are still experiencing their first emotional and sexual experiences. However, new arbitrary relationships can be learned, and violent behavioral patterns can be replaced by assertive ones as interventions aimed at preventing dating violence are designed. Thus, although behavior-analytic theory suggests that merely describing behavior and its controlling variables is insufficient for change (Medeiros, 2010), transforming the aversive function of the verbal stimulus “violence” into violent behaviors, reinforced by patriarchal culture, can contribute to reducing the occurrence of problem behaviors “normalized” by members of this culture. It can also increase the likelihood of escape/avoidance behaviors on the part of the victim—that is, behaviors that distance them from violent relationships and the aggressor, whenever this is possible for the woman’s well-being and safety. Therefore, it is essential to establish legislation and public policies that provide psychosocial support for young people and women experiencing violence.

Keywords: violence, dating, adolescents, relational frame theory, intimate partner violence

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2014), a violência por parceiro íntimo refere-se a atos que causam danos físicos, psicológicos e sexuais à vítima, incluindo ameaças, coerção e privação de liberdade, praticados por parceiro(a) ou ex-parceiro(a). No Brasil, dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025) indicam que a prevalência desse tipo de violência é superior à média global.

Historicamente, pesquisas concentram-se em casais adultos, negligenciando grupos mais vulneráveis, como adolescentes (Martins, 2017). Mudanças típicas da adolescência, como o início da vida sexual e o estabelecimento de vínculos afetivos, influenciam o desenvolvimento de padrões comportamentais (Williams et al., 2002). Quando aprendidos na adolescência, padrões violentos tendem a se manter na vida adulta. O termo “violência no namoro” refere-se a comportamentos abusivos (físicos, psicológicos ou sexuais), em relacionamentos de adolescentes e jovens adultos, presenciais ou virtuais (CDC, 2021).

Uma pesquisa realizada com 3.200 adolescentes brasileiros indicou a presença significativa de comportamentos violentos, tanto como vítimas (86,9%) quanto perpetradores (86,8%), com destaque para as violências do tipo verbal e sexual (Oliveira et al., 2011). A violência no namoro pode ocorrer de forma bidirecional e apresenta padrões distintos entre gêneros: meninas praticam mais violência psicológica e física, enquanto meninos mais violência sexual (Abilleira et al., 2019; Borges et al., 2020; Izaguirre & Calvete, 2017). Esses padrões sofrem influência de fatores contextuais e funcionais: entre meninas, a violência física entre meninas pode estar relacionada a ciúmes ou autodefesa; entre meninos, à associação cultural entre virilidade, controle e poder (Shorey et al., 2008). A tolerância social às violências verbais e psicológicas também contribui para sua manutenção (Oliveira et al., 2011).

Estudos com vinhetas fictícias têm sido usados para investigar a identificação de comportamentos de violência sexual e responsabilização da vítima, considerando variáveis como relação prévia entre os envolvidos, ausência de força física e comportamento sexualmente provocativo (Freitas, 2019; Monteiro, 2021; Pagel et al., 2024). Os resultados sugerem variáveis como comportamento prévio da vítima, relação entre vítima e agressor, presença/ausência de uso de força física e características da violência sexual (com ou sem penetração); ratificando achados internacionais destas na determinação do rotular um comportamento de violência sexual (Freitas, 2019; Ryan, 1988; Sasson & Paul, 2014). Os resultados sugerem que tais variáveis influenciam a discriminação de uma violência sexual, sendo que participantes do gênero masculino reconhecem menos situações de estupro (Monteiro, 2021; Peixoto, 2022).

Apesar dos avanços destas investigações, nota-se um foco predominantemente na violência sexual e em amostras adultas. Poucos estudos (a exemplo de Peixoto, 2022), abordam a percepção dos adolescentes sobre outras formas de violência, o que reforça a relevância do presente estudo.

A análise da violência no namoro requer uma perspectiva sociocultural que considere os padrões de gênero construídos desde a infância e reforçados nas relações íntimas. Sob a ótica da análise do comportamento, padrões de comportamento são aprendidos e reforçados por estímulos discriminativos de gênero (Ruiz, 2003). Desde

a infância, homens e mulheres são ensinados a seguir padrões de comportamento específicos, que, quando alinhados aos valores culturais, recebem aprovação social. Enquanto meninos são incentivados a exercer controle emocional e comportamental da parceira, as meninas são ensinadas a priorizar o relacionamento e evitar conflitos (Zanello, 2018). A violência pode, assim, tornar-se uma expressão de virilidade masculina, muitas vezes direcionada contra mulheres (Pedrosa & Zanello, 2017).

A violência sexual masculina, por sua vez, é frequentemente naturalizada por regras culturais estereotipadas, os “mitos sobre o estupro”, e reforçada pela pornografia, que associa prazer à dominação (Baumel et al., 2019; Freitas & Moraes, 2019; Hald et al., 2010; Vera-Gray et al., 2021). Essas práticas fazem parte de mecanismos de controle de gênero em uma sociedade patriarcal que reforça relações desiguais entre os gêneros, beneficiando os homens (Nicolodi & Arantes, 2019).

Nesse ínterim, este estudo propõe-se investigar: a) quais processos de aprendizagem estão envolvidos na identificação de comportamentos de violência no namoro; e b) de que forma esses processos podem ser analisados experimentalmente, sob uma perspectiva analítico-comportamental.

O Responder Relacional Como Forma de Aprendizagem Verbal de Práticas Culturais de Papéis De Gênero

A Teoria das Molduras Relacionais (RFT) oferece uma interpretação analítico-comportamental da linguagem e cognição humanas a partir do responder relacional arbitrariamente aplicável (RRAA), ou seja, da capacidade humana de estabelecer relações simbólicas entre estímulos arbitrários (não compartilham propriedades físicas), mas que são aprendidos socialmente (Hayes et al., 2001). Entre as relações arbitrárias que podem ser ensinadas destacam-se: coordenação, oposição, comparação, hierarquia, causalidade e dêitica (Perez et al., 2017).

No presente estudo, a RFT contribui para analisar como práticas culturais patriarcais formam e mantêm comportamentos associados aos papéis de gênero. Bourdieu (2020), em “A Dominação Masculina”, afirma o gênero como uma construção social; a RFT complementa essa perspectiva ao demonstrar que tais construções emergem de molduras relacionais ensinadas pela comunidade verbal. Em experimento controlado, Roche e Barnes (1996) demonstraram que participantes relacionavam os estímulos verbais “vagina” a “submissão” e “pênis” a “dominação”, evidenciando como relações de coordenação e oposição podem estruturar categorias simbólicas de gênero.

Essas relações não apenas organizam repertórios verbais, mas também influenciam as funções atribuídas a certos comportamentos. O RRAA permite investigar como o símbolo verbal “violência” compartilha e transforma funções com comportamentos direta ou indiretamente associados, afetando processos evocativos de identificação ou negação.

Essa abordagem amplia a análise tradicional behaviorista, ao considerar não apenas contingências imediatas, mas também o controle social exercido sobre o comportamento verbal. Tal perspectiva é essencial para compreender como adolescentes aprendem a nomear – ou não – determinados comportamentos como

violentos em um contexto marcado por relações desiguais entre gêneros. Vale lembrar que o Brasil ocupa a 93ª posição em igualdade de gênero entre 153 países, segundo o Fórum Econômico Mundial (2021).

Com base nesse referencial, este estudo investigou: (1) como adolescentes discriminam comportamentos violentos no contexto de relações afetivo-sexuais; e (2) se variáveis como (a) idade, (b) gênero, (c) tipo de violência cometida podem exercer influência sobre esse processo.

Método

Trata-se de um estudo transversal, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Humanos da Universidade Federal do Ceará, sob parecer nº 5.392.914.

Participantes e Critérios de Inclusão

Foram incluídos estudantes regularmente matriculados em uma escola pública de Fortaleza, com idade entre 14 e 18 anos. A amostra, não probabilística por conveniência, foi composta por 80 estudantes do Ensino Médio (média de idade = 16,1; $dp = 1,156$). Destes, 36 se identificaram com o sexo masculino e 44 com o feminino; quanto ao gênero, 35 se identificaram como masculino e 45 como feminino. A maioria se declarou heterossexual (55), branca (37) ou parda (35). Quatro questionários não entraram na amostra: um por não atender ao critério de idade estabelecido e três por autodeclaração de gênero como “outro”; inviabilizando análise estatística pelo método adotado.

Procedimento e Instrumentos

A coleta ocorreu presencialmente no laboratório de informática da escola, por meio de formulário online. Estudantes menores de idade participaram mediante consentimento dos responsáveis e assentimento próprio.

Utilizaram-se dois instrumentos:

(a) um questionário sociodemográfico e;

b) um conjunto de 18 vinhetas desenvolvidas pela autora principal, revisadas por duas juízas especialistas (nível de titulação mínima: mestrado) em gênero e Análise do Comportamento. As vinhetas descreveram situações fictícias, manipulando três variáveis: tipo de violência, idade dos personagens e gênero do(a) agressor(a). O material incluiu 16 cenas com violência (8 com agressor masculino, 8 com agressora feminina, divididas entre casais de 13 e 17 anos de idade) e 2 vinhetas de controle, sem violência. A apresentação das vinhetas foi aleatória para os participantes.

As categorias de violência seguiram definições da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006): física (ex: tapas, empurrões), psicológica (ex: xingamentos, controle), moral (ex: difamação, exposição de imagens íntimas) e sexual (ex: toques íntimos, penetração sem consentimento). Nomes fictícios pouco comuns no Brasil (“Claire” e “Joe”) foram utilizados e mantidos em todas as vinhetas para minimizar viés por histórico de aprendizagem prévio.

Aplicação

Após o questionário sociodemográfico, os participantes avaliaram cada vinheta em escala Likert de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente) quanto à presença de violência. Se indicada concordância, eram solicitadas duas classificações adicionais: o tipo de violência (física, sexual, moral ou psicológica) e a autoria (Claire, Joe ou ambos).

Análise dos Dados

A análise dos dados foi realizada no software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão X. Foram utilizadas análises estatísticas descritivas e inferenciais. Utilizou-se o teste *t* para amostras independentes a fim de verificar diferenças estatisticamente significativas nas médias atribuídas por participantes de gêneros masculino e feminino. O teste de Análise de Variância para medidas repetidas (ANOVA) foi aplicado para comparar as médias entre os grupos de vinhetas segundo o tipo de violência retratada e para investigar a influência da idade dos personagens nas respostas da amostra. Além das médias das escalas *Likert*, foram analisadas as porcentagens de acerto quanto: (1) à identificação da presença de violência, (2) ao reconhecimento do tipo de violência e (3) à indicação correta do(a) autor(a) da agressão.

Resultados

Foram analisados 80 questionários. A análise revelou diferenças significativas entre os gêneros na discriminação de comportamentos violentos. Participantes do gênero feminino atribuíram pontuações mais altas à presença de violência nas vinhetas ($M = 5,99$; $dp = 1,31$) do que os do gênero masculino ($M = 5,28$; $dp = 1,54$), com diferença estatisticamente significativa ($t = -2,194$; $p < 0,05$), indicando maior sensibilidade das meninas à discriminação de comportamentos violentos.

Discriminação por Vinheta

Para a amostra geral, a vinheta com maior média pontuada para a presença de comportamentos violentos foi a de número 12, a qual retratava uma situação de violência física cometida por um adolescente do gênero masculino de 17 anos. Já a menor média foi atribuída à vinhetas de número 2, que contemplava um comportamento de violência psicológica apresentado também por um adolescente

de 17 anos. A amostra masculina repetiu o mesmo padrão da amostra total, enquanto a amostra feminina divergiu apenas em relação a vinheta com maior média, sendo a vinheta de número 5. Essa retratava comportamento de violência sexual cometida por uma adolescente do gênero feminino de 17 anos.

Diferenças estatisticamente significativas entre os gêneros foram observadas nas vinhetas 2, 3, 5, 9, 13 e 14, com maior acurácia na amostra feminina, especialmente em casos de violência psicológica, moral, física e sexual — inclusive quando perpetradas por personagens femininas. As vinhetas de controle (8 e 15), sem conteúdo violento, tiveram baixas médias, confirmando sensibilidade à ausência de violência. Ver Tabela 1.

Tabela 1

Características das Vinhetas e Resultados do Teste-T Entre as Médias Atribuídas a Cada Vinheta, por Meninas e Meninos

Nº	Características (violência, idade e agressor(a))	Média total (por tipo de violência)	Média total (por vinheta)	Média meninos	Média meninas	t	d de Cohen
12	Física, 17, ♂	23,962	6.300	5.971	6.556	-1.430	-0.322
04	Física, 13, ♂		6.037	5.600	6.378	-1.831	-0.413
01	Física, 17, ♀		6.063	5.771	6.289	-1.279	-0.288
09	Física, 13, ♀		5.563	5.114	5.911	-2.019*	-0.455
07	Sexual, 17, ♂	23,913	6.263	5.857	6.578	-1.833	-0.413
18	Sexual, 13, ♂		5.912	5.800	6.000	-0.498	-0.112
05	Sexual, 17, ♀		6.013	5.257	6.600	-3.653**	-0.823
16	Sexual, 13, ♀		5.725	5.486	5.911	-1.021	-0.230
06	Psicológica, 17, ♂	20,038	4.750	4.371	5.044	-1.452	0.327
13	Psicológica, 13, ♂		5.688	5.200	6.067	-2.007*	-0.452
02	Psicológica, 17, ♀		4.500	3.800	5.044	-2.471*	-0.557
11	Psicológica, 13, ♀		5.100	4.866	5.267	-0.901	-0.203
14	Moral, 17, ♂	23,025	5.750	5.200	6.178	-2.128*	-0.480
03	Moral, 13, ♂		6.150	5.686	6.511	-2.026*	-0.457
10	Moral, 17, ♀		5.987	5.543	6.333	-1.817	-0.409
17	Moral, 13, ♀		5.138	4.971	5.267	-0.594	-0.134

*p<0.05

**p≤0.01

Discriminação Pelo Tipo de Violência

Comportamentos de violência física e sexual foram mais discriminados que os psicológicos e morais. A menor taxa de acerto ocorreu para violência psicológica,

em ambos os gêneros. A amostra feminina teve desempenho superior em quase todas as categorias, com destaque para a identificação de violência sexual. Ver Tabela 2A.

Tabela 2

Comparações por Tipo de Violência e Gênero do(a) Perpetrador(a) Resultados do Teste de ANOVA Para Tipos de Violência e Teste t Para o Gênero do(a) Agressor(a)

A. Comparação entre tipos de violência (ANOVA para medidas repetidas)				
Comparação	Diferença entre médias	d de Cohen	pbonf	Pholm
Física vs Sexual	0,050	0,008	1,000	0,922
Física vs Psicológica	3,925	0,609	< ,001	< ,001
Física vs Moral	0,937	0,145	0,150	0,075
Sexual vs Psicológica	3,875	0,601	< ,001	< ,001
Sexual vs Moral	0,888	0,138	0,468	0,156
Psicológica vs Moral	-2,987	-0,463	< ,001	< ,001

B. Comparação entre médias atribuídas por participantes para grupos de vinhetas com perpetradores Claire (♀) e Joe (♂) (teste-t)				
Perpetrador(a)	Gênero do(a) participante	N (média)	t	d Cohen
Joe (♂)	Meninos	35 (43,686)	-2,164*	0,233
	Meninas	45 (49,311)		
Claire (♀)	Meninos	35 (40,829)	-2,234*	0,233
	Meninas	45 (46,622)		

*Nota: $p < 0,05$

As médias das escalas Likert por tipo de violência confirmaram maior reconhecimento para violência física, seguido por sexual e moral. A violência psicológica foi discriminada com menor frequência e de forma estatisticamente

inferior às demais ($p < 0,001$). O teste t também indicou diferenças significativas entre meninos e meninas para violência sexual ($t = -2,023$) e psicológica ($t = -2,485$). A ANOVA indicou que a violência psicológica foi menos reconhecida pela amostra em comparação aos demais tipos (física, sexual e moral), cuja discriminação ocorreu de forma semelhante entre si.

Discriminação por Gênero do(a) Perpetrador(a)

As vinhetas com maior taxa de identificação correta envolveram violência moral e sexual cometidas por personagens masculinos. As menores taxas ocorreram em casos de violência psicológica (Joe) e física (Claire). Participantes tiveram mais dificuldade em reconhecer agressoras do gênero feminino. Esse padrão se repetiu na análise por gênero dos respondentes, embora a amostra feminina tenha apresentado acurácia ligeiramente superior. Ver Tabela 3.

Tabela 3
Porcentagem de Acertos dos Participantes Para as Variáveis Tipo de Violência Cometida e Gênero do(a) Perpetrador(a)

Nº	Variáveis	% Total		% Meninos		% Meninas	
		Tipo	Gênero	Tipo	Gênero	Tipo	Gênero
12	Física, 17, ♂	95	92,5	94,2	85,7	95,5	97,7
04	Física, 13, ♂	86,2	92,5	85,7	88,5	86,6	95,5
01	Física, 17, ♀	91,2	68,7	85,7	71,4	95,5	66,6
09	Física, 13, ♀	76,2	86,2	74,2	82,2	77,7	88,8
07	Sexual, 17, ♂	95	96,2	88,5	91,4	100	100
18	Sexual, 13, ♂	78,7	80	71,4	71,4	84,4	86,6
05	Sexual, 17, ♀	86,2	88,7	71,4	77,1	97,7	97,7
16	Sexual, 13, ♀	81,2	78,7	68,5	62,8	91,1	91,1
06	Psicológica, 17, ♂	35	60	28,5	57,1	40	62,2
13	Psicológica, 13, ♂	73,7	92,5	57,1	85,7	86,6	97,7
02	Psicológica, 17, ♀	61,2	80	48,5	77,1	71,1	88,2
11	Psicológica, 13, ♀	51,2	77,5	42,8	65,7	57,7	86,6
14	Moral, 17, ♂	66,2	83,7	62,8	77,1	68,8	88,8
03	Moral, 13, ♂	61,2	97,5	54,2	94,2	66,6	100
10	Moral, 17, ♀	67,5	93,7	57,1	88,5	75,5	97,7
17	Moral, 13, ♀	70	76,2	74,2	71,4	66,6	80

Os dados do teste t revelaram diferenças significativas entre meninos e meninas na média atribuída a vinhetas com agressor identificado como Claire ou Joe. Em ambos os casos, as meninas atribuíram médias mais elevadas, embora a amostra total tenha reconhecido menos violência quando a perpetradora era Claire. Ver Tabela 2B.

Discriminação por Idade dos Personagens

A única diferença significativa observada foi na comparação entre duas vinhetas de violência moral cometida por Claire, com idades de 13 e 17 anos. Nessa condição específica, a idade influenciou a percepção da violência. Em outros casos, a variável idade não teve impacto estatisticamente relevante.

Discussão

Conforme os resultados apresentados, a amostra demonstrou menor acurácia ao discriminar comportamentos de violência psicológica, em comparação aos demais tipos analisados. Esse achado converge com estudos anteriores que apontam para a banalização e naturalização dessa forma de violência entre adolescentes (Oliveira et al., 2014). À luz da RFT (Hayes et al., 2001), é possível que a ausência de consequências físicas/externas visíveis contribuam para que tais comportamentos não sejam associados ao símbolo verbal “violência”, ou podem ser relacionados na hierarquia “menor/inferior que” em relação a outros tipos de violência - o que pode explicar, em termos de linguagem, a problemática da naturalização dessa categoria.

Esse cenário é preocupante, considerando a prevalência da violência psicológica em relações afetivo-sexuais (Barreira et al., 2013; Minayo et al., 2011) e suas repercussões na saúde mental da vítima, podendo ocasionar isolamento social, diminuição da autoestima e distúrbios alimentares, além de sintomas típicos de quadros ansiosos e/ou depressivos (Silva et al., 2007).

Os resultados mostram a dificuldade da amostra na identificação correta das violências psicológicas e moral. O símbolo verbal “violência moral” foi frequentemente associado a comportamentos de violência psicológica, assim como o inverso. Tal dado sugere uma sobreposição funcional entre essas categorias, o que pode comprometer a resposta social adequada a essas práticas. Gomes (2011) aponta que estas formas de violência estão relacionados à diminuição da autonomia e da autoconfiança do(a) adolescente. Desse modo, a importância da identificação correta da violência moral na juventude dá-se, principalmente, pela facilidade de compartilhamento de informações falsas e de imagens não autorizadas por meio das redes sociais, que se constituem de meios de comunicação amplamente utilizados por esse público.

A violência sexual foi discriminada com maior acurácia pelas meninas. Esse dado é compatível com a literatura que aponta a influência de mitos sociais e regras culturais (mitos do estupro) – como a responsabilização da vítima e a legitimação da agressão – na percepção da violência sexual, especialmente por parte dos meninos (Monteiro, 2021; Peixoto, 2022; Sasson & Paul, 2014). Monteiro (2021) e Peixoto

(2022) também encontraram que pessoas do gênero masculino identificam menos situações de estupro. Tais padrões, sustentados pela cultura do estupro (Freitas & Moraes, 2019), persistem sendo transmitidos por um conjunto de contingências sociais encorajadoras e/ou permissivas com esses comportamentos, perpetuando essa prática cultural.

A partir da RFT, pode-se compreender como molduras relacionais arbitrárias (Roche e Barnes, 1998) podem exercer, enquanto comportamento verbal, influência sobre comportamentos de violência sexual. Segundo os autores, mesmo que esses comportamentos não sejam diretamente reforçados, indivíduos são expostos a relações sócio verbais nas quais comportamentos femininos de submissão e fraqueza são colocados em coordenação com atratividade sexual (dominação = desejo sexual / ou submissão = atração). Além disso, relações de causalidade do tipo “se mulheres são fracas, então precisam ser controladas” ou “se homens são fortes, então precisam controlar as mulheres” também podem ser derivadas. Sendo assim, relações aprendidas de forma indireta podem formar diversas redes relacionais entre si de forma a atribuir, para indivíduos do gênero masculino, função reforçadora/apetitiva a comportamentos de violência sexual (Roches & Barnes, 1998). Uma vez que esses comportamentos não têm sido identificados como violentos pela comunidade verbal devido à ampla transmissão das regras estereotipadas já citadas, essa também se comporta de forma a reproduzir a cultura vigente, ou seja, a cultura do estupro.

De modo geral, as meninas reconheceram e identificaram melhor os episódios de violência, o que pode ser interpretado como um comportamento de contracontrole frente à práticas culturais opressoras. Nicolodi & Arantes (2019) discutem como a cultura patriarcal estabelece práticas culturais e padrões de comportamento de interação desiguais entre gêneros, beneficiando os homens em detrimento das mulheres. Assim, se as mulheres são as maiores prejudicadas pela manutenção das práticas violentas provenientes da cultura na qual estão inseridas, tal condição aversiva pode funcionar como antecedente para uma classe de comportamentos de contracontrole, a qual pode consistir desde a identificação da situação de violência até sua denúncia para órgãos responsáveis. Além disso, a aproximação com discursos feministas, especialmente em ambientes digitais (Yamamoto, 2021), pode estar ampliando o repertório verbal das adolescentes para a discriminação de comportamentos violentos e suas consequências, o que pode facilitar a não permanência das adolescentes em relacionamentos violentos.

Observou-se ainda uma menor taxa de reconhecimento de violência quando a perpetradora era a personagem Claire. Esse resultado aponta para padrões relacionais nos quais o símbolo “mulher” está associado a certos padrões de comportamento como passividade ou fragilidade, por conseguinte, incompatíveis com a emissão de comportamentos violentos. Ademais, quando esses comportamentos ocorrem, tendem a ser reinterpretados como sinal de descontrole emocional ou transtornos psicopatológicos (Showalter, 1987), reforçando estigmas históricos atribuídos ao feminino. Tais redes de significados já vem sendo construídas desde o início da Psiquiatria (Showalter, 1987): a coordenação entre os símbolos “mulher”, “vagina”, “feminino” e adjetivos como “irracional”, “louca”, “doida”, dentre outros. É

visto que, para a manutenção do status quo de uma sociedade patriarcal, pode ser mais coerente associar o padrão comportamental violento de uma mulher a uma psicopatologia do que simplesmente reconhecê-lo como violento.

Outra variável cultural a ser considerada e que pode ter relação com as respostas da amostra é a forma como a cultura patriarcal estabelece contingências sociais que mantém certos padrões relacionais em relações afetivo-sexuais heterossexuais, de modo a corroborar com a desigualdade social de gênero. Nesse contexto, Zanuto e Laurenti (2021) afirmam que, em um relacionamento amoroso heterossexual, há expectativas sociais e demandas mútuas para ambos os parceiros, embora os desejos e necessidades do homem sejam priorizados em detrimento das mulheres, o que gera uma relação de poder desequilibrada e hierarquizada entre o casal, além de também contribuir para a reprodução de estereótipos de gênero (Zanello, 2018).

Há-se ainda que considerar as práticas culturais popularmente conhecidas como “amor romântico”. Estas são frequentemente transmitidas culturalmente a homens e mulheres de modo a associar eventos privados prazerosos como felicidade, alegria, satisfação, completude, dentre outros. Tais relações são incoerentes com os padrões aversivos vividos em situações de violência no namoro, o que pode prejudicar a discriminação de comportamentos violentos emitidos por um dos parceiros, visto que tal padrão é tolerado e até mesmo aceito como parte constituinte de um relacionamento convencional, especialmente quando são justificados pelo sentimento de “amor” (Lacerda & Costa, 2013; Zanuto & Laurenti, 2021). Essa lógica acaba sendo ainda mais perversa para o gênero feminino, já que, segundo Zanello (2018), desde crianças as mulheres são ensinadas que estar em uma relação amorosa e ser “escolhida” para ser amada por um homem são sinônimos de sucesso. Assim, seguindo um padrão relacional de oposição entre redes relacionais, se estar num relacionamento é sinônimo de sucesso para uma mulher, terminá-lo estaria associado a fracasso e eventos privados aversivos como tristeza e culpa, ainda que se trate de um relacionamento violento.

É nítido, portanto, o quanto essas aprendizagens relacionais arbitrariamente organizadas por uma comunidade verbal pertencente à cultura patriarcal podem ser prejudiciais para o desenvolvimento de jovens que ainda estão passando pelas suas primeiras experiências em termos afetivo-sexuais. A instalação e manutenção de um padrão comportamental violento, nesse sentido, seria o que Rosales-Ruiz e Baer (1996) conceituam como interações organismo-ambiente regressivas, ou seja, são mudanças que não levam necessariamente ao aprimoramento ou complexidade do repertório comportamental de adolescentes, mas sim a um produto final idiossincrático resultante do entrelaçamento entre filogenia, ontogenia e cultura.

Contudo, novas relações arbitrárias podem ser aprendidas e padrões comportamentais violentos podem ser substituídos por padrões assertivos à medida que intervenções voltadas à prevenção da violência no namoro forem planejadas. Ainda que de forma psicoeducativa, discussões sobre o fenômeno da violência e suas topografias em relações afetivo-sexuais podem facilitar o aprendizado de relações arbitrárias de coordenação entre o símbolo “violência” (culturalmente visto como aversivo) e os comportamentos violentos naturalizados pela cultura patriarcal, principalmente no que diz respeito às topografias menos reconhecidas. Dessa

forma, ainda que a teoria analítico-comportamental aponte que apenas a descrição do comportamento e de suas variáveis controladoras não sejam suficientes para sua mudança (Medeiros, 2010), a transformação da função aversiva do estímulo verbal “violência” para comportamentos violentos, mas reforçados pela cultura patriarcal, pode contribuir para a redução da ocorrência dos comportamentos-problema “normalizados” pelos membros dessa cultura, além de também atuar no aumento da probabilidade de ocorrência de comportamentos de fuga/esquiva por parte da vítima, ou seja, comportamentos de afastamento da relação violenta e do agressor, conforme essa medida for possível para o bem estar e para a segurança da mulher.

Em suma, as relações arbitrariamente aplicáveis possuem função importante no que diz respeito à instalação e manutenção de práticas culturais e padrões comportamentais violentos em relacionamentos afetivo-sexuais. Além disso, o planejamento de estratégias que levem em consideração o aprendizado dessas relações é importante visto que, como apontam Roche e Barnes (1996), apenas o uso de técnicas comportamentais tradicionais (como a extinção, por exemplo) se mostra ineficaz para o controle e manipulação das violências descritas, dada a existência de uma ampla aprendizagem verbal que vai além da contingência direta. Entretanto, as relações verbais funcionam como condição antecedente na contingência em questão, o que não retira a relevância de outras variáveis ambientais como controladoras dos comportamentos da vítima e do perpetrador da violência. Assim, faz-se imprescindível a instauração de legislações e políticas públicas que forneçam suporte psicossocial para jovens e mulheres em situação de violência (Lira et al., 2021).

Considerações Finais

O presente estudo investigou a discriminação de comportamentos violentos em relações amorosas entre adolescentes sob a ótica da Teoria das Molduras Relacionais, identificando variáveis contextuais que influenciam esse processo. Os resultados indicam que comportamentos de violência psicológica são menos reconhecidos que os demais tipos de violência analisadas. Adolescentes do gênero feminino demonstraram maior reconhecimento do comportamento violento (principalmente para comportamentos de violência sexual e psicológica), bem como maior repertório de identificação correta dos tipos de violência apresentados. Contudo, tanto adolescentes do gênero feminino quanto masculino apresentaram dificuldade em reconhecer comportamentos violentos praticados por personagens femininas. Esses resultados sugerem que a discriminação de comportamentos violentos é mediada por relações arbitrárias ensinadas culturalmente, que influenciam os padrões comportamentais de acordo com o gênero (Freitas & Moraes, 2019; Roches & Barnes, 1996, 1998). Essa influência pode ser prejudicial quando molda padrões violentos ainda na adolescência, período em que ocorrem as primeiras experiências afetivo-sexuais (Williams et al., 2002).

Entre as limitações do estudo, destaca-se que os tipos de violência raramente se apresentam isolados (Barreira et al., 2013; Minayo et al., 2011; Sears et al., 2007). Apesar disso, optou-se por representar, em cada vinheta, o tipo de violência

predominante, permitindo inferências sobre uma sobreposição de topografias em algumas situações. Cabe também a ressalva de que as vinhetas foram personalizadas de acordo com as variáveis investigadas no estudo, o que pode ter introduzido outras variáveis de controle nas respostas dos participantes.

Pesquisas futuras devem explorar outras variáveis contextuais - como raça, orientação sexual e classe social, que possivelmente podem influenciar a discriminação de comportamentos violentos. Tal investigação é particularmente relevante em sociedades marcada por contingências patriarcais, racistas, heteronormativas e capitalistas, como é o caso da brasileira. Espera-se que estudos subsequentes ampliem a base teórica para intervenções preventivas realizadas por analistas do comportamento, com foco no fenômeno da violência no namoro e em relacionamentos íntimos.

Referências

- Abilleira, M. P., Rodicio-García, M. L., Vázquez, T. C., Deus, M. P., & Cortizas, M. J. (2019). Personality characteristics of a sample of violent adolescents against their partners. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 32, 1-11. <https://doi.org/10.1186/s41155-019-0122-7>
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. D., & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: Prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000100024>
- Baumel, C. P. C., Silva, P. D. O. M. D., Guerra, V. M., Garcia, A., & Trindade, Z. A. (2019). Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências. *Psico-USF*, 24(1), 131-144. <https://doi.org/10.1590/1413-82712019240111>
- Bourdieu, P. (2020). *A dominação masculina*. Editora Bertrand Brasil.
- Borges, L. J., Heine, J. A., & Dell’Aglia, D. D. (2020). Personal and contextual predictors for adolescent dating violence perpetration. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 438-448. <http://www.doi.org/10.14718/ACP.2020.23.2.16>
- Centers for Disease Control and Prevention. (2021). *Preventing Teen Dating Violence*. Violence Prevention. <https://www.cdc.gov/violenceprevention/intimatepartnerviolence/teendatingviolence/fastfact.html>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2025). *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Instituto Data Folha.
- Fórum Econômico Mundial. (2021). *Global Gender Gap Report*. Fórum Econômico Mundial. <https://www.weforum.org/reports/global-gender-gap-report-2021>
- Freitas, J. C. C. (2019). *O efeito do ensino de relações de equivalência sobre o comportamento de culpabilizar vítimas de estupro* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de São Carlos.
- Freitas, J. C. C., & Morais, A. O. (2019). Cultura do estupro: Considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis del Comportamiento*, 27(1). <https://doi.org/10.32870/ac.v27i1.68758>
- Gomes, R. (2011). Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In M. S. C. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Orgs.), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* (pp. 141-151). Fiocruz.
- Hald, G. M., Malamuth, N. M., & Yuen, C. (2010). Pornography and attitudes supporting violence against women: Revisiting the relationship in nonexperimental studies. *Aggressive Behavior: Official Journal of the International Society for Research on Aggression*, 36(1), 14-20. <https://doi.org/10.1002/ab.20328>
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2001). *Relational frame theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition*. Plenum Press.
- Izaguirre, A., & Calvete, E. (2017). Exposure to family violence as a predictor of dating violence and child-to-parent aggression in Spanish adolescents. *Youth & Society*, 49(3), 393-412. <https://doi.org/10.1177/0044118X16632138>

- Lacerda, L., & Costa, N. (2013). Relação entre comportamentos emocionais e violência contra a mulher. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(3), 21-36. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v15i3.628>
- Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Lira, M.G.C., Santos, M. C. B., Cruz, M. B., Lacerda Filho, E. C., Souza, C. A. C., Paiva, F. J. L., & Almeida, J. A. T. (2021). Brazilian government strategies to protect women. *Behavior and Social Issues*, 30, 446-464. <https://doi.org/10.1007/s42822-021-00060-4>
- Martins, A. P. A. (2017). Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: considerações preliminares sobre o problema no Brasil. *Gênero*, 17(2), 9-28. <https://doi.org/10.22409/rg.v17i2.939>
- Medeiros, C. A. (2010). Comportamento governado por regras na clínica comportamental: Algumas considerações. In A. K. C. R de-Farias (Org.), *Análise comportamental clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 95-111). Artmed.
- Minayo, M. C. D. S., Assis, S. G. D., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Editora Fiocruz.
- Monteiro, L. S. (2021). *Identificação de situações de estupro por universitários* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal do Ceará.
- Nicolodi, L., & Arantes, A. (2019). Poder e patriarcado: Contribuições para uma análise comportamental da desigualdade de gênero. In R. Pinheiro & T. Mizael (Eds.), *Debates sobre Feminismo e Análise do Comportamento* (pp. 53-66). Editora Paradigma.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Oliveira, R. V. C. (2011). Violência nas relações afetivo-sexuais. In C. M. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Eds.), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* (pp. 87-141). Editora Fiocruz.
- Oliveira, Q. B., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: Circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência e Saúde Coletiva*, 19(3), 702-718. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.19052013>
- Organização Mundial da Saúde. (2014). *Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014*. Organização Mundial da Saúde, Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. <https://nev.prp.usp.br/publicacao/relatorio-mundial-sobre-a-prevencao-da-violencia-2014/>
- Peixoto, J. S. (2022). *A percepção de adolescentes sobre situações de estupro* [Trabalho de Conclusão de Curso]. Universidade Federal do Ceará.
- Perez, W. F., Nico, Y. C., Kovac, R., Fidalgo, A. P., & Leonardi, J. L. (2017). Introdução à Teoria das Molduras Relacionais (Relational Frame Theory): Principais conceitos, achados experimentais e possibilidades de aplicação. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 4(1), 32-50. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v4i1.105>

- Pedrosa, M., & Zanello, V. (2017). (In)visibilidade da violência contra as mulheres na saúde mental. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(spe), 1-8. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32ne214>
- Roche, B., & Barnes, D. (1996). Arbitrarily applicable relational responding and usual sexual categorization: A critical test of the derived difference relation. *Psychology Record*, 46, 451-475. <https://doi.org/10.1007/BF03395177>
- Roche, B., & Barnes, D. (1998). The experimental analysis of human sexual arousal: Some recent developments. *The Behavior Analyst*, 21, 37-52. <https://doi.org/10.1007/BF03392779>
- Rosales-Ruiz, J., & Baer, D. M. (1996). A behavior-analytic view of development. In: E. Ribes & S.W. Bijou (Eds.), *Recent approaches to behavioral development*, (pp. 155-180). Context Press.
- Ruiz, M. R. (2003). Inconspicuous sources of behavioral control: The case of gendered practices. *The Behavior Analyst Today*, 4(1), 12-16. <https://doi.org/10.1037/h0100005>
- Sasson, S., & Paul, L. A. (2014). Labeling acts of sexual violence: What roles do assault characteristics, attitudes, and life experiences play? *Behavior and Social Issues*, 23(1), 35-49. <https://doi.org/10.5210/bsi.v23i0.5215>
- Sears, H. A., Byers, E. S., & Price, E. L. (2007). The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviors in their dating relationships. *Journal of Adolescence*, 30(3), 487-504. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2006.05.002>
- Shorey, R. C., Cornelius, T. L., & Bell, K. M. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior*, 13(3), 185-194. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2008.03.003>
- Showalter, E. (1987). *The female Malady-Women, Madness and English culture 1830-1980*. Pantheon Books.
- Silva, L. L. D., Coelho, E. B. S., & Caponi, S. N. C. D. (2007). Violência silenciosa: Violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 11(21), 93-103. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000100009>
- Vera-Gray, F., McGlynn, C., Kureshi, I., & Butterby, K. (2021). Sexual violence as a sexual script in mainstream online pornography. *The British Journal of Criminology*, 61(5), 1243-1260. <https://doi.org/10.1093/bjc/azab035>
- Williams, P. G., Holmbeck, G. N., & Greenley, R. N. (2002). Adolescent health psychology. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70(3), 828-842. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.70.3.828>
- Yamamoto, D. C. (2021). Mobilizações feministas na internet e a formação de redes de solidariedadeonline. *Ponto Urbe*, 29(1), 1-11. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10997>

- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris.
- Zanuto, J. O., & Laurenti, C. (2021). Contribuições políticas da análise feminista do amor romântico para a discussão analítico-comportamental dos sentimentos. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 12(2), 447-464. <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/823>

(Received: March 20, 2025; Accepted: August 05, 2025)

